

A intertextualidade entre a história e a literatura do testemunho: o personagem**Preto Chaves****The intertextuality between history and the literature of testimony: the character****Preto Chaves**Maria Leal Pinto¹

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Esse artigo possui como tema um diálogo intertextual entre a literatura do testemunho e a história, buscando como objetivo principal investigar a trajetória de vida do militante comunista de Francisco Manoel Chaves, conhecido como Preto Chaves. A vida desse militante aparece na obra de Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere*, tornando-se um dos personagens políticos que conviveram com o autor na cadeia; muito posteriormente, Preto Chaves reaparece nas bibliografias históricas que versam sobre a Guerrilha do Araguaia, epopeia comunista que ocorreu no início dos anos 70 no Norte de Goiás e Sul do Pará. A fim de trilhar os caminhos desta pesquisa realizamos um trabalho qualitativo através de revisão bibliográfica e entrevistas na região que fora epicentro da guerrilha. Como resultado de pesquisa evidenciamos que podemos tecer a própria história do Brasil no século XX por meio da história de vida desta figura, como se enfeixássemos através do seu personagem a história do país nas suas sucessivas lutas contra a opressão política.

Palavras-chave: literatura do testemunho; Guerrilha do Araguaia; biografia política.

Abstract: This article has as its theme an intertextual dialogue between the literature of testimony and history, seeking as main objective to investigate the life trajectory of the communist militant of Francisco Manoel Chaves, known as Preto Chaves. The life of this militant appears in the work of Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere*, becoming one of the political personages that lived with the author in the chain; much later, Preto Chaves reappears in the historical bibliographies that deal with the Araguaia Guerrilla, a communist epic that occurred in the early 1970s in the north of Goiás and in the south of Pará. In order to trace the paths of this research, we performed a qualitative study through review bibliography and interviews in the region that had been the guerrilla epicenter. As a result of the research, we have shown that we can weave the history of Brazil in the twentieth century through the life history of this figure, as if we were to characterize the history of the country in its successive struggles against political oppression.

Key-words: Testimony literature; Guerrilha do Araguaia; political biography.

Recebido em 10 de outubro de 2018.**Aprovado em 7 de novembro de 2018.**

¹ Mestranda PPG-CULT/UFT. E-mail: mariazozimo2016@gmail.com

Introdução

Ao trazermos luz sobre determinados fatos visamos tecer diálogos a fim de elucidar temas que suscitam questionamentos, especialmente, quando encontramos pistas sobre elementos históricos buscamos uma aproximação destes temas com a realidade. Nesse sentido, tal empreitada torna-se mais instigante quando aproximamos com áreas diferentes do conhecimento, por exemplo, com a história e com a literatura, buscando construir um diálogo proveitoso e necessário com essas duas searas. Quanto a este diálogo podemos dizer que já se encontra consolidado enquanto campo epistemológico, principalmente, a partir da emergência da história cultural, na segunda metade do século XX, que visou estabelecer esse colóquio com a finalidade de estreitar fronteiras e narrativa discursivas.

A literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu. (PESAVENTO, 2006: s/p)

Partindo dessa premissa, a história torna-se objeto discursivo muito mais potencializado quando aportamos junto a literatura do testemunho, uma vez que esta literatura pretende através da sua chave epistémica ser a portadora de uma memória narrativa de um evento passado pela voz de personagens que viveram algum fato relevante. No tocante a literatura do testemunho, especificamente no Brasil, podemos dizer que se encontram debruçada sobre diversas obras e com períodos bem marcados, principalmente, as que enfocam períodos narrativos políticos como a Ditadura Vargas (1930-1945) e como a Ditadura Civil-militar (1964-1985).

Entre as obras que trabalham acerca da Ditadura Vargas temos o célebre livro de Graciliano Ramos (1953), *Memórias do Cárcere*, tendo a sua primeira edição nos anos 50. Nesta obra Ramos retrata o período que viveu as agruras na prisão política do período varguista. Este livro além de possuir um pujante depoimento testemunhal acerca do período, ainda lança um olhar sobre os personagens que Ramos conviveu na cadeia, logo, perfazendo um painel político consistente do período, assim sendo, podemos dizer que é uma obra de singular importância tanto para a literatura quanto para política brasileira. Também, destacamos que ocorreu uma versão cinematográfica dessa obra no início da

década de 80, melhor periodizando, no final da ditadura militar brasileira provocando o confronto e colocando em xeque a ditadura vigente com o intuito de abrir para um debate entre o ocorrido no passado (ditadura varguista) e o que ocorria naquele presente momento (ditadura militar).

Nesse sentido podemos afirmar que a obra de Ramos possui um relevo altamente histórico, pois consegue transmutar para as suas páginas com apuro um período político, bem como colocou em tela diversos personagens que se tornaram importantes no Brasil e no mundo, como a célebre comunista Olga Benário, esposa do dirigente comunista Luiz Carlos Prestes. Ainda, dentre os diversos personagens comunistas encarcerados pela ditadura varguista é apresentado o companheiro de cela denominado Preto Chaves, codinome do ex-marinheiro Francisco Manoel Chaves que participou ativamente na Intentona Comunista de 1935 ao lado de Luiz Carlos Prestes. Preso e torturado, foi trancafiado por meses no presídio da Ilha Grande ao lado de Graciliano Ramos. O escritor faz referência ao marinheiro em seu livro *Memórias do Cárcere*. Na década de 1960, mantendo a sua trajetória política, Chaves filiou-se ao PCdoB vindo a se embrenhar na luta armada contra o regime militar.

Preto Chaves desaparece na clandestinidade política do período ditatorial, porém aparece em relatos históricos quando são cruzadas informações acerca dos acontecimentos da Guerrilha do Araguaia (1972-1975), agora neste período como personagem ativos da epopeia comunista. A partir destas narrativas, este artigo possui como objetivo principal investigar a trajetória política de Francisco Manoel Chaves, o Preto Chaves, refinando através de dois momentos: 1) analisar os relatos acerca do militante contidos na obra de Graciliano Ramos; e, posteriormente, 2) investigar a sua trajetória obscura mediante bibliografia histórica da sua participação na Guerrilha do Araguaia.

A fim de trilhar esse caminho através de relatos de Graciliano Ramos e pistas de pesquisa de campo, esse artigo utiliza-se de uma metodologia qualitativa com intuito de buscar alcançar o objetivo pretendido, principalmente, através de uma revisão bibliográfica e de entrevistas empreendidas na Região do Araguaia, local onde se desenvolveu o epicentro da guerrilha. Este artigo está dividido em dois momentos: 1) primeiramente uma brevíssima revisão do advento da Guerrilha do Araguaia, com o intuito de situar o leitor sobre o lócus onde se desenvolveu a construção política do personagem; e, 2) especialmente, na trajetória de vida do personagem, tanto nas páginas

de Graciliano Ramos quanto nos “cacos” de histórias da sua passagem na Guerrilha do Araguaia.

1. Brevíssima contextualização Histórica da Guerrilha do Araguaia:

[...] a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, e, sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado. [...] A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado. (PESAVENTO, 2003, p.58-59)

No tocante a Guerrilha do Araguaia asseveramos que este foi um evento histórico de grandes proporções na história do Brasil, em face da dimensão da sua epopeia histórica. Igualmente, podemos dizer que fora grandioso também os mistérios e os segredos sobre esse acontecimento, em face de ser um conflito encravado numa região esquecida do Brasil, fato este que fez com que houvesse um acobertamento do advento da Guerrilha na grade mídia pela severa censura do regime militar. Embora, atualmente a literatura da guerrilha tenha se ampliado; porém, ainda há um leque investigativo grande e com muitas perguntas a serem respondidas, justamente em virtude do tempo transcorrido fazendo com que muitas indagações suscitem questionamentos aos pesquisadores que se debruçam sobre o advento empreendido pelo PCdoB.

Os conflitos têm como marco cronológico os anos de 1972 até 1975, entretanto antes e depois dos conflitos diversos acontecimentos e personagens marcaram a história do Araguaia. Desta forma, consta na literatura da Guerrilha que a chegada dos guerrilheiros se iniciaram em 1966 com a chegada de Osvaldo Orlando da Costa na cidade de Araguatins, na época cidade pertencente ao Norte Goiano, atualmente um dos municípios que compõem o estado do Tocantins. Osvaldo utilizava do codinome Osvaldão, em face das suas características, pois seu codinome advinha do seu corpo negro forte e da sua altura avantajada, acompanhada ainda de simpatia e muita amizade, fato este que logo conquistou muitos amigos pela região. Sendo este, portanto, o primeiro guerrilheiro a chegar e abrindo caminhos para os que viriam posteriormente lutar na Guerrilha do Araguaia. Assim, após a chegada de Osvaldão outros combatentes foram chegando e se acomodando junto as pessoas da região, com o intuito de desenvolver um trabalho político de longo prazo a fim de efetivar uma eclosão guerrilheira na região.

Para tanto, os guerrilheiros viviam o modo da vida que a maioria dos trabalhadores da região viviam, ou seja, trabalhavam nas roças, nos garimpos, na caça, na pesca, no extrativismo, assim como abriam pequenos comércios locais e trabalhavam com dinheiros ou trocas de mercadorias. Também, frequentavam rezas, festas, terreiros de terecôs, enfim seguiam o ritmo de vida das comunidades ribeirinhas. Não obstante toda a tentativa empreendida de tentar viver como os moradores locais, porém em virtude das suas trajetórias de origem aplicavam ali naquela região recôndita seus conhecimentos acadêmicos adquiridos antes de irem viverem clandestinamente no Araguaia: os professores alfabetizavam, os médicos atendia as pessoas com cuidados na área da saúde, enfermeiras realizavam partos, advogados resolviam contendas locais ou quaisquer outras demandas que lhes coubessem de acordo com o seu conhecimento adquirido na universidade. No tocante a integração dos militantes na vida diária da região, de acordo com Fernando Portela no livro, *Guerra de Guerrilhas no Brasil* (1986), é possível analisar essa tentativa de proximidade:

[...] nós íamos também aos terecôs, organizávamos danças, inclusive companheiros que tocavam violão iam tocar nessas festas [...] A gente fazia versos de cordel enfocando os problemas da região. Mas, em alguns momentos especiais, fazíamos comemorações de caráter restrito entre combatentes. (PORTELA, 1986, 15)

Por essa razão rapidamente os guerrilheiros se tornaram pessoas bem quistas na região, sendo que não somente a literatura bibliográfica acerca da guerrilha traz essa afirmação como também aflora nas narrativas locais. De acordo com as entrevistas empreendidas os moradores destacam que “eram pessoas boas”, “cuidavam dos outros”, “ajudavam”, ou seja, davam o amparo a quem vivia naquele “pedaço de paraíso” esquecido pelo estado. Eram militante comunistas provindo de diversas regiões do Brasil; porém, no Araguaia eram chamados paulistas, justamente para dar uma “fachada” legal de origem para os combatentes comunistas, justamente em virtude da clandestinidade da sua vida de origem que precisavam preservar

Mais detidamente descrevendo o perfil dos guerrilheiros que empreenderam a luta, esses eram mulheres e homens dispostos a dar a vida na luta guerrilheira, fato este que ocorreu com a maioria, uma vez que ao final do conflito pouco se sabe sobre o paradeiro dos restos mortais dos combatentes que tomaram mortos em confronto com o exército. Fontes documentais e narrativas populares convergem para a constatação da

morte da maioria dos guerrilheiros, situação que torna-se ainda mais dramática pelo fato que os mesmo se encontram até o presente momento como desaparecido político.

Os anos em que os paulistas viveram no Araguaia foram responsáveis pela construção de diversas narrativas, lembranças estas que pesquisadores recorrem constantemente na busca incessante com o intuito de remontar pedaços das muitas histórias acerca das experiências vividas pelos guerrilheiros. Sendo que, destacamos que se não fossem os testemunhos orais dos moradores, burilados com afincos pelos pesquisadores, essas narrativas seriam também “tragadas pelo verde na floresta”, assim como ocorrera com a maioria dos corpos dos guerrilheiros após os combates com as forças militares. Por conseguinte, realçamos que produzir estudo sobre a Guerrilha do Araguaia é estar apto a trabalhar e recorrer com afincos às memórias, aos testemunhos, uma vez que este é o recurso mais acessível e capaz de produzir um contraponto às narrativas que os militares buscaram elaborar como verdade inquestionável. De acordo com Moura, em *Diário da Guerrilha do Araguaia* (1979), o autor assim descreve:

Em momentos históricos, os seus agentes somente são conhecidos muito tempo depois de passada a ação. Há uma disritmia entre a informação dos seus atos, a opinião pública e a compreensão histórica. No entanto, há momentos em que o *silêncio histórico* se rompe, quebra-se o monopólio do discurso oficial, sobre determinado acontecimento. (MOURA, 1979, pg. XI)

Desta maneira, passado muitos anos e seguindo os percalços da quebra desse silêncio histórico, coube, portanto, aos pesquisadores a busca incessante em ouvir um outro discurso que não fosse o oficial e, assim, visando confrontá-lo e trazer à tona as contra narrativas da história. No caso da Guerrilha do Araguaia realçamos que há muitas lacunas, e nesse sentido torna-se imperativos dar voz tanto aos combatentes que tombaram e construíram a sua história na guerrilha, assim como também revelar sobre a população local que ali vivia e passaram pelas experiências traumáticas juntamente com a guerrilheiros, acontecimento este que, com certeza, modificou as suas vidas para sempre em face da perseguição sofrida pela polícia política.

Entre os personagens tratado trazemos à luz a figura enigmática de Preto Chaves, personagem extremamente singular na luta armada no Araguaia, pois devemos levar em conta que o mesmo provinha de um percurso de luta desde os anos 30 na luta da ditadura varguista, já possuindo cronologicamente no Araguaia mais de 60 anos. Era um personagem vivo da história e viveu sua vida nos corredores da clandestinidade, porém a literatura de Graciliano se encarregou de traçar as primeiras linhas para a sua

imortalidade. Assim, primeiramente na obra das *Memórias do Cárcere* sob a lavra de Graciliano Ramos é possível encontrar descrição de algumas de suas características pessoais e sua militância política. O célebre autor ao falar de sua figura na prisão destacava, entre outras coisas, a sua luta inconstante pela garantia de direitos mínimos e que também buscava denunciar as condições precárias da prisão. Portanto, escrever sobre Preto Chaves é reunir fragmentos e deles ir aos poucos tecendo os fios tênues entre a literatura do testemunho e a história, melhor dito, reunindo através de uma tessitura fina o diálogo da obra literária de Graciliano Ramos com os registros das pesquisas de campo e assim, muito sofregamente, ir construindo a sua história de vida.

2. Francisco Manoel Chaves, Zé Francisco, Preto Chaves.

[...]. Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ter nela é a representação que ela comporta[...]o que nela se resgata é a reapresentação do mundo que comporta a forma narrativa. (PESAVENTO, 1995, p.117)

Francisco Manoel Chaves, assim se chamava o guerrilheiro negro conhecido na região do Araguaia como “Preto Chaves”, “Velho Chico” ou “Zé Francisco”. Têm uma história de vida marcada pela resistência política, no entanto as informações sobre sua vida pessoal e familiar são repletas de lacunas, o que possivelmente pode estar atrelado ao fato de o mesmo ter sua trajetória marcada pela vida clandestina, segundo consta no dossiê da Secretaria de Direitos Humanos, contidas no Acervo de Mortos e Desaparecidos. Segundo descrição era de origem familiar camponesa. Ingressou na marinha e assim como João Cândido Felisberto, o Almirante Negro, sofreu preconceitos raciais como boa parte dos jovens negros da época que ingressaram nas fileiras da Marinha brasileira. Posteriormente, nas lutas da década de 30 contra o fascismo e a ditadura de Vargas integrou a Aliança Nacional Libertadora (ALN) e o Partido Comunista (PCB). Foi preso em 1935, quando da “Insurreição Armada”, duramente reprimida por Vargas.

Preso no presídio de Ilha Grande, conheceu Graciliano Ramos, e como muitos dos companheiros de cela, é citado na obra *Memórias do Cárcere*, momentos em que Graciliano pontua sua personalidade resistente, ressaltando suas características físicas, segundo as quais afirma: “Francisco Chaves, gordo e baixo, sempre em luta com dificuldades imensas de expressão” (RAMOS, p. 238). Nesta passagem da obra, além de

discorrer sobre a organização política do grupo dentro do presídio, este o faz destacando o que chama de “figuras negras, curiosas”, o que obviamente nos leva a lembrar sobre a organização política de resistência dos negros que perpassou toda a história do Brasil.

Além dos relatos de Graciliano Ramos sobre o guerrilheiro negro ainda a sua figura consta em relatos em vários livros sobre a Guerrilha do Araguaia, obras que foi possível encontrar menção sobre Chaves. No entanto, pouco se sabe sobre como o veterano comunista viveu no período entre a prisão de Vargas e a sua luta empreendida nas selvas da região do Araguaia. Não obstante aos poucos relatos neste interregno, no que tange aos autores que se debruçaram sobre a Guerrilha do Araguaia traz informações preciosas acerca da figura *sui generis* de Preto Chaves, afirmando que o comunista era afro-religioso e, assim como seus companheiros no Araguaia, era frequentador dos terecôs². Tal fato peculiar além de denotar uma particularidade com a sua fé religiosa ainda denotava uma rotina de vida atrelada ao ethos da comunidade ribeirinha, portanto, tecendo relações com muita proximidade com a comunidade local. Sobre Preto Chaves se sabe ainda que quando viera para o Araguaia, foi morar na região de Caianos (PA) e que trabalhava na roça com os demais, tinha uma rotina próxima do que se podia pensar em consonância com a vida local.

Podemos dizer que este interesse de se unir ao modo de vida da população local foi preponderante para garantir a sobrevivência da Guerrilha, igualmente, foi importante para atrair pessoas da região para se unirem ao combate de forma direta ou mesmo indiretamente, por exemplo, auxiliando no fornecendo alimentos, informações, abrigo, etc. Entretanto, mesmo com as lacunas e as informações esparsas sobre a vida de Francisco Manoel, podemos perceber mediante fragmentos o seu caráter militante, bem como uma vida inteira dedicada à resistência política, conforme nos descreve Leôncio Nossa.

Preto Chaves, codinome de Francisco Manoel Chaves, se passava por curandeiro de terecô, a religião das chapadas maranhenses. Era marinheiro nos tempos de Vargas quando participou, ao lado do capitão do Exército Lincoln Cordeiro Oest, da Intentona. Tinha mais de sessenta anos quando recebeu de Amazonas o convite para entrar na guerrilha. "É meu lugar, estou lá!", respondeu. Era um negro de energia e sempre ocupado na prisão em "conciliábulo", escreveu Graciliano Ramos nas Memórias do cárcere. No presídio da ilha Grande, na ditadura de Vargas, Zé Francisco conheceu Graciliano e o sindicalista Celso Cabral, que mais tarde foi mandado pelo PCB ao norte do Paraná para atuar junto aos guerrilheiros caboclos de Porecatu, no primeiro movimento de luta armada moderna no país. (NOSSA, 2012, p. 139)

² Religião afro-brasileira, com origem no estado do Maranhão.

De origem e paradeiro misterioso, sua chegada no Araguaia não se sabe ao certo em que ano e tampouco em que circunstâncias se dera, espaçadamente como fiapos da história têm-se conhecimento de que era integrante do destacamento C do PCdoB, ainda, como todos os guerrilheiros passou por um processo de adaptação de vida na selva. Este processo de adaptar-se ao cotidiano caboclo da região era entre os afazeres campestres e o treinamento na selva, tarefa muito ingrata para Preto Chaves, haja vista que tenha chegado ao Araguaia contando mais de sessenta anos. Alguns autores estimam que ele foi morto com idade aproximada entre os seus 60 a 70 anos, dado os poucos registros de sua vida e desconhecimento de sua linhagem parental, não podendo, portanto, afirmar com precisão esse dado cronológico. O autor Carlos Studart chama atenção em seu livro, *A Lei da Selva* (2006), para a trajetória política e militante de Francisco Manoel Chaves, conforme citação:

Chamo a atenção para três mortes nessa fase da guerrilha. Primeiro, a de Francisco Manoel Chaves, Seu Francisco ou Preto Velho, integrante do Destacamento C, a 29 de setembro. Nem mesmo a direção do PC do B sabia seu nome verdadeiro. Usava também José Francisco Chaves, como o identificam os militares. Marinheiro, participou da Intentona Comunista de 1935; Graciliano Ramos fala dele em *Memórias do Cárcere*. Expulso da Marinha em 1937, era um dos raros operários da guerrilha. Mais que isso, formava com Maurício Grabois uma dupla de personagens históricos em armas. (STUDART, 2006, p. 138)

Em síntese, torna-se interessante o registro de Studart (2006) acerca da relevância histórica de Francisco Manoel Chaves, grifando o fato de o mesmo ser um dos poucos componentes da guerrilha que não tinha formação superior. Ainda, no tocante aos poucos registros políticos da passagem de Francisco Manoel Chaves, encontra-se que desde jovem teve militância política destacada e que em face da sua militância política foi expulso da marinha. Ainda, assim como ocorrera com o Almirante Negro (João Cândido), Chaves foram sumariamente excluídos dos arquivos da marinha. Ou seja, as poucas informações obtidas dos arquivos oficiais são incertas e não dão conta da história de vida desse histórico personagem.

Doravante as esparsas transcrições e as referências nos órgãos oficiais, porém nos relatos dos historiadores que se debruçaram sobre a Guerrilha do Araguaia registram-no como um sexagenário pleno de ideal revolucionário, cheio de vigor físico e de estímulo para a luta contra o regime ditatorial. Tais narrativas demonstram que o peso dos anos não cessou o desejo de se empenhar para o fim do regime militar no Brasil, para tanto

ofereceu sua vida em troca do ideal revolucionário empreendido pelo PCdoB nas selvas do Pará.



Figura 1 - Fonte Ministério dos Direitos Humanos: Preto Chaves.

O saldo da luta do Araguaia foi um grande massacre, rendendo dezenas de desaparecidos políticos, bem como severos traumas para a população local que fora apossada em face da sanha da corporação militar que sedenta caçou os guerrilheiros, prendendo, torturando, matando e ocultando os corpos. Chaves é um dos muitos desaparecidos políticos da época, assim sendo, em virtude da ação militar empreendida que visou exterminar os guerrilheiros não se têm confirmação material de sua morte. As menções a sua execução são feitas nos arquivos extraoficiais do Relatório da Missão Olho Vivo registrado na obra de Studart, na qual consta na lista de mortos no período de 02/10 a 13/10/72.

Ainda pesa contra a figura de Chaves a ausência de dados concretos sobre a existência de familiares ou filhos, fato este que pela incapacidade de haver material genético comparativo torna a localização e a identificação do seu corpo uma peça de quebra-cabeça quase impossível de ser montada. Entre as muitas sombras e mistérios do período militar, Chaves e a sua verdadeira identidade torna-se mais um elo entre tantos a serem revelados, ficando apenas registrados na pena de Graciliano Ramos e nos relatos de história oral. Sobre as circunstâncias de sua morte, o pouco que se sabe é que estava

em patrulha com outros companheiros e, acidentalmente, o próprio Chaves provocou barulho que chamou atenção da tropa adversária que passava por ali, assim descreve Studart:

[...] já tinha passado quase toda a tropa adversária, quando faltava passar apenas o último soldado, Zé Francisco fez barulho, talvez deixado cair a arma. Irrompeu, então violento tiroteio. Dina caiu fora tendo uma bala arranhado seu pescoço. Os outros três ficaram mortos no terreno. (2006, p. 136)

Também em Clóvis Moura foi possível verificar menção ao episódio de sua fatídica morte, o autor discorre o ocorrido apontando que houvera uma confusão por parte do guerrilheiro Cazuzza, que pertenciam ao mesmo grupo a que Zé Francisco (Preto Chaves). A confusão aconteceu quando Cazuzza percebe a movimentação de pessoas na mata e pensa ali estarem seus companheiros, o que na verdade era um dos acampamentos militares, a aproximação custou a vida de Cazuzza e demais três companheiros, sendo um destes Francisco Chaves. De acordo com este autor é possível datar a morte no ano de 1972. No trecho Moura assevera que tombaram também o Preto Chaves e Vítor num recontro com as forças do Exército (MOURA, 1979, p. 46)

Supõe-se que uma das ossadas encontradas nas escavações feitas no Araguaia pelo GTA, Grupo de Trabalho do Araguaia³ seja atribuída a Preto Chaves. Porém, ocorre que em face da tentativa de encobrimento do massacre realizado pelos militares, torna-se uma ação, portanto, muito difícil obter respostas sobre o paradeiro de qualquer desaparecido político do Araguaia. Ainda, convém realçar que por muitos anos a Guerrilha do Araguaia foi veiculada pelo regime militar como obra de “ficção”, a despeito de todos os fatos históricos que ocorrera, mediante Figueiredo:

[...] A Guerrilha do Araguaia era outro caso emblemático em que o arquivo da Marinha desmentia a versão pública das forças de segurança. Oficialmente, as ações de combate contra os guerrilheiros do PC do B nunca tinham existido. Não havia sequer guerrilha. Àquela altura, vigorava uma rígida censura à imprensa, e a Guerrilha do Araguaia estava na lista dos temas proibidos. Somente em 1978 saíam as primeiras reportagens sobre o foco guerrilheiro e as campanhas militares realizadas para desmantelá-lo. (FIGUEIREDO, 2015, p. 35)

³ O GTA: foi criado em 2011 pelo Estado brasileiro e durante o mandato da presidenta Dilma Rousseff, com profissionais das mais diversas áreas governamentais responsáveis pela procuram e identificação dos restos mortais dos militantes, com uso dos mais avançados métodos científicos de identificação de pessoas, ver in: <https://www.defesa.gov.br/noticias/3699-05052011-defesa-novo-grupo-de-trabalho-vai-ampliar-busca-a-desaparecidos-no-araguaia> .

Em síntese, os guerrilheiros que lutaram na epopeia do Araguaia ficaram sem receber uma devida abordagem enquanto figura histórica, em face além da ação de encobertamente da ditadura militar também em virtude dos poucos vestígios deixados justamente pela vida clandestina que era exigida aos militantes de esquerda. No entanto, aos poucos e com grandes obstáculos a história vem sendo tecida a partir do registro de novas narrativas, podendo neste caso específico do biografado conhecermos o homem que existiu atrás do personagem de Graciliano Ramos e com isto o militante, o guerrilheiro e o ideal político de Francisco Manoel Chaves.

Considerações Finais

A partir das leituras sobre o personagem foi possível fazer um breve histórico de sua vida, através de bibliografias especializados, assim como buscando relatos por meio do testemunho de Graciliano Ramos e de pesquisa de campo possibilitou chegar aos dados esparsos que se tem conhecimento acerca desta figura enigmática. Dos poucos registros oficiais consta que nasceu no estado de Minas Gerais, seus pais tinham origem no campesinato e na juventude ingressou na Marinha Brasileira. Desde cedo se envolveu na militância política, ao que parece não deixou filhos e foi expulso da marinha por atividades políticas.

Teve, portanto, uma vida trilhada pelo caminho da militância política e viveu intensamente todas as agruras política infringidas para quem era contrário ao *status quo* vigente. Seu perfil biografado cruzou com os caminhos trilhados pela política brasileira e pelas vicissitudes empreendidas pelos muitos militantes políticos e esquerda que empreenderam uma luta contínua contra a ditadura de Vargas e, posteriormente, contra a ditadura militar. Ao trabalharmos com o perfil do biografado vemos, portanto, que podemos tecer a própria história do Brasil no século XX por meio da história de vida desta figura, como se enfeixássemos através do seu personagem a história do país nas suas sucessivas lutas contra a opressão política

Fechando a análise novamente retomamos o que pretendemos enfatizar neste artigo acerca da importância do diálogo intertextual entre a literatura e os fragmentos das pesquisas em história, colóquio este que estimula, conseqüentemente, o esforço para elucidar as pistas acerca do objeto estudado. Embora não possamos trazer a lume a totalidade da biografia de Francisco Chaves em face das agruras da sua vida clandestina, porém aguçamos a construção da sua persona num diálogo entre a obra de Graciliano

Ramos e os relatos dos testemunhos da população do Araguaia, que conviveram com ele durante o período da guerrilha. Concluindo, devemos ter em mente e grifar que biografar um personagem é muito mais que dar veracidade a alguém que realmente existiu, haja vista que cada autor poderá revelá-lo de acordo com a matiz que melhor irá compor a visualização do personagem, obviamente, respeitando as lacunas da história e perseguindo acuradamente as informações que lhes serão caras para a composição da pesquisa.

Referências:

BRASIL. *GTA Araguaia*. <https://www.defesa.gov.br/noticias/3699-05052011-defesa-novo-grupo-de-trabalho-vai-ampliar-busca-a-desaparecidos-no-araguaia>. Acessado em 19/10/2018.

BRASIL. *Ministério dos Direitos Humanos*. <http://www.mdh.gov.br/>. Acessado em 19/10/2018

FIGUEIREDO, L. *Lugar nenhum: militares e civis na ocultação dos documentos da ditadura*, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOURA, C. *Diário da Guerrilha do Araguaia*. São Paulo, Alfa-Omega, 1979.

NOSSA, L. *Mata! O Major Curió e as Guerrilhas no Araguaia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

PESAVENTO, S. J. Relação entre História e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (século XIX e XX). In: *Revista anos 90*. Porto Alegre, n° 4, p.115–127 dez. de 1995.

_____, S. J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____, S. J. História & literatura: uma velha-nova história, Nuevo Mundo Mundos Nuevos. *Debates*, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006. <https://nuevomundo.revues.org/index1560.html> . Acessado em 11 de outubro de 2018

PORTELA, F. *Guerra de Guerrilhas no Brasil: Documentos inéditos e na íntegra*. 2ª Ed. São Paulo, Global Editora, 1986.

RAMOS, G. *Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro: Editora Record, 45ª edição, 1953.

STUART, H. *A Lei da Selva*. São Paulo: Geração Editorial, 2006.